



Bibliografia

Eufrazio Filipe Garcez José, inscrito na Sociedade Portuguesa de Escritores. Participou em várias colectâneas de Poesia, foi colaborador de várias publicações: República (Lisboa), Suplemento Diário de Lisboa, A Opinião (Porto), Notícias da Amadora (Amadora), Jornal do Centro (Coimbra), Independência D'Águeda (Águeda), Libertação (Aveiro). Foi director da revista "Movimento Cultural", da Associação dos Municípios do Distrito de Setúbal, Revista Poder Local. Foi Presidente da Câmara Municipal do Seixal de 19747 a 1998. Obras editadas: Poemas Para Quem Quiser (Poesia, 1969/75 edição do autor, 1976); A Secular Barca do Zé (Contos, Plátano Editora, 1978); A Linguagem dos Espelhos (Poesia, Livros Horizonte, 1982); Espelho das Viagens (Romance, Plátano Editora, 1982); Vagarosos Instantes (Poesia, Barca Nova Editor, 1984); Mar Arável (Poesia, Livros Horizonte, 1988); A Profanação das Metáforas (Poesia, Outra banda, 1994); A Inocência dos Murais (Poesia, Estuário Publicações, 2003); Que Fizeste das Nossas Flores (Poesia, Papiro Editora, 2008); Seixal Somos Todos Nós (Crónicas Políticas, Edição Câmara Municipal do Seixal, 2009); e Para Lá do Azul (Poesia, Editora Temas Originais, 2010). Inédito: Caçador de Relâmpagos (Contos a publicar).

www.cm-seixal.pt



EUFRÁZIO FILIPE

Para Lá do Azul



30 de Abril de 2010, às 18h
Galeria Augusto Cabrita - Fórum Cultural do Seixal



(...) Eufrazio Filipe é um autor com vários livros publicados. A sua poesia constitui, podemos assim afirmá-lo com segurança, um mundo que se ergue assente em firmes esteios simbólicos, que se estriba e mergulha raízes em referenciais que lhe são familiares. A sua linguagem confere-lhe uma unidade, que é o sentido e a forma de que se alimenta a sua experiência estética. Será, em vão, procurar fora do universo da sua poesia o desvendamento do que aí se dá: ela não é transitiva, é preciso que a atenção incida sobre si própria. Em todo o livro, o autor estabelece um

É comum afirmar-se que a linguagem poética é polissémica, que nos reenvia a vários sentidos. E esta dimensão semântica está bem presente na poesia do autor que através, da associação de palavras, estilhaça uma esperada previsibilidade (...).

Eufrazio Filipe, seguro do seu rumo, acolhe-se frequentemente na ambiguidade desafiando o leitor a desocultar o sentido produzido pelas rupturas semânticas que têm em vista a criação de uma atmosfera poética própria (...):

Sempre estimulando a imaginação do leitor, a sua poesia não abdica dessa qualidade afectiva que a impregna, marcada que está por uma refração subjectiva que bastas subtil diálogo, mais pressentido que nomeado, entre um “eu” e um “tu” onde se respira uma delicada sensualidade que percorre quase todos os poemas e onde as palavras vão, serenamente, desenhando uma trigonometria imperiosa dos sentidos (...).

Ressalta igualmente uma dimensão lírica na sua poesia: dela se desprendem os afectos do autor, num trabalho sobre a língua, com os seus ritmos e sonoridades. Como escreveu Paul Valéry, a poesia é uma “hesitation prolongée entre le son et le sens” (a poesia é uma hesitação

prolongada entre o som e o sentido”) querendo realçar o prazer do leitor na procura do segredo das palavras, mistério que o autor guarda, ciosamente, no interior do seu imaginário.

Quase diário íntimo, este livro de Eufrazio Filipe está recoberto de imagens cuja familiaridade reenvia à infância e à geografia – precisa herança onde emergem frequentemente vocábulos que localizam o autor, como: “azul, água, mar, rio, barco, vento, brisa, praia, seixos, aves, rota, tremulina”, entre outros – que faz da sua obra uma poética inquestionavelmente adquirida tanto na cultura – pois Eufrazio Filipe deixa antever a leitura de muitos poetas, como Eugénio de Andrade, Sophia de Mello Breyner Andresen, David Mourão-Ferreira (...).vezes desagua próxima da emoção (...).

Logo no início do livro, o autor faz uma incursão por um território que não lhe é comum (aliás, é o único poema desse género que integra o livro): a prosa poética. Lê-lo, é constatar que a liberdade de que goza o poeta lhe permite, com naturalidade, transgredir a norma da prosa, que é a da comunicação fiável e segura: a forma como Eufrazio Filipe utiliza a sintaxe é, por si mesma, portadora de “poeticidade” (...): (...) Apesar de Eufrazio Filipe se sentir à vontade na linguagem que os recurso poéticos contemporâneos lhe facultam, a sua poesia não padece da gratuitidade do formalismo, ela, na sua subjectividade, continua sibilamente a reenviar ao mundo e a exigir do leitor olhos bem atentos para uma compreensão cabal do seu imaginário poético, que é rasgadamente fecundo e comprometido.

arlindo pato mota
(excertos do prefácio a Para lá do azul)

